



Obras da nova sede serão iniciadas

Novas instalações oferecerão melhor atendimento aos associados

Página 4

Palavra do Presidente

Embora as oscilações observadas nos últimos tempos, a produção de cana de açúcar tem representado a melhor alternativa e a expectativa futura é a melhor possível. Não bastasse o fato de a cana oferecer como produto final o açúcar, o etanol e a energia limpa gerada pelo bagaço, as perspectivas não param de melhorar. Ainda agora, chega a notícia da implantação da primeira indústria para a produção regular de plástico biodegradável, também utilizando bagaço de cana.

Página 2

Manejo
de plantas
daninhas
em plantio de
cana-de-açúcar

Páginas 3 e 4

Fornecedores de
cana da Açúcar
Guarani tem
fechamento da
safra 2008/2009
acima do preço
pago no Estado
de São Paulo

Página 4

Celso Ruiz reeleito presidente da Olicana

No último dia 31 de março, foi realizada nova eleição na Olicana, para o triênio de 2009 a 2012 e novamente Celso Castilho Ruiz, foi aclamado presidente.

Celso Ruiz, irá comandar a Associação dos Fornecedores de Cana da Região de Olímpia.

Segundo o presidente, junto à reeleição renova o espírito de luta da nova diretoria em buscar cada vez mais o melhor para o associado. “Fica renovado nosso compromisso de melhorias para o associado e nos empenharemos cada vez mais para aumentar o quadro de associados e também os benefícios. Agradeço a todos que continuam confiando em nosso trabalho”, finalizou o presidente.

Membros que compõem a nova diretoria:

Chapa Continuidade

Triênio 2009/2012

Período Março/2009 A Março 2012

Presidente: Celso Castilho Ruiz

Primeiro Vice – Presidente: Vicente Somilio

Segundo Vice – Presidente: Carlos Humberto Olmos

Primeiro Secretário: José Aparecido Antoniassi

Segundo Secretário: João Carlos Breda

Terceiro Secretário: David Taufik Rahd

Primeiro Tesoureiro: Paulo César Somilio

Segundo Tesoureiro: João Carlos Antoniassi

Terceiro Tesoureiro: Flávio Fioravanti Junior

Conselho Fiscal

Titulares: Ademir Botini Sichieri

Luiz Antonio Christofalo

João Degasperi Lopes Ocanha

Suplentes: Ademar Jesus Carlos Aureliano

Valdir Antonio de Oliveira

Luiz Carlos Foresti Filho

Palavra do Presidente

Embora as oscilações observadas nos últimos tempos, a produção de cana de açúcar tem representado a melhor alternativa e a expectativa futura é a melhor possível.

Não bastasse o fato de a cana oferecer como produto final o açúcar, o etanol e a energia limpa gerada pelo bagaço, as perspectivas não param de melhorar. Ainda agora, chega a notícia da implantação da primeira indústria para a produção regular de plástico biodegrá-dável, também utilizando bagaço de cana.



Celso Castilho Ruiz

As pesquisas foram desenvolvidas em renomadas universidades do país, sempre chegando a resultados animadores. A produção de plástico do bagaço de cana é outro aspecto altamente positivo a ser considerado, pois as pesquisas demonstraram ser produto de qualidade superior ao plástico originário de fontes fossilizadas com a vantagem de se degradarem rapidamente quando depositados no meio ambiente. O outro plástico, subproduto do petróleo, demora um século para se decompor.

Com esta informação, fica ainda mais destacada a importância da cana de açúcar, produto da terra que não para de surpreender positivamente.

As oscilações de mercado, observadas nos últimos tempos, são logo superadas pelas perspectivas que surgem, colocando em destaque as fontes de produção e gerando expectativas de melhora imediata e acentuada.

Atualmente, em meio à turbulência econômica mundial, a cana de açúcar desponta como o produto com melhores possibilidades de superar esta fase aguda e se apresentar como meio de superação da crise, graças às suas múltiplas utilidades, entre as quais merece destaque o fato de ser uma fonte inesgotável de produção de energia limpa.

A evolução do mercado sucroalcooleiro é animadora e os altos e baixos representam, apenas, uma acomodação do mercado diante de situações novas e políticas protecionistas em fase de modificação.

O otimismo com que tratamos a produção de cana está na razão direta do que vem ocorrendo no mundo, especialmente a guinada observada nos Estados Unidos, cujo presidente atual abraçou a causa do combate efetivo ao aquecimento global e tem apresentado o Brasil como parceiro nesta empreitada, graças ao avanço e à eficácia na produção de Etanol.

Embora os Estados Unidos sejam grandes produtores de Etanol, o produto final norte americano nem de longe se compara ao Etanol originário da cana de açúcar, a começar pelo custo de produção. Enquanto os americanos comprometem toda a produção de milho para produzir álcool a um custo elevadíssimo, o Brasil mostra seu incomparável desempenho produzindo Etanol de cana em quantidade tal que apresenta custos infinitamente menores e mais compensadores, sem contar a diferença enorme de qualidade entre um e outro.

São situações que precisam ser debatidas para que os produtores saibam que a cana de açúcar não permanece como fonte de produção estática, ao contrário, ela apresenta modificações para melhor em curto espaço de tempo, alterando rapidamente uma situação preocupante para momentos de perspectivas altamente positivas e rentáveis.

Não por acaso, aos poucos os grandes investidores estrangeiros, passado o grande susto do primeiro baque da crise econômica, novamente voltam a se interessar por investimentos no setor, até agora temporariamente suspensos, justamente porque, em meio à turbulência, acompanham o desempenho impecável da cana como principal fonte de energia renovável e limpa.

Assim, a palavra do presidente busca subsidiar os produtores com informações que chegam, anunciando perspectivas novas e um momento de consolidação mundial da cana de açúcar e sua multiplicidade de utilização para produzir energia no momento em que o mundo sente necessidade de conter o avanço do efeito de estufa, com o ameaçador aquecimento do planeta.

Não trata de otimismo vazio, mas de uma constatação real quanto as incontáveis possibilidades da produção de cana, impondo-se como fonte renovável daquilo que o mundo está necessitando tanto, está procurando com avidez e só encontra, em escala gigantesca, em nosso país.

Editorial

Uma aliada de peso

A "British Petróleo", gigante do setor no Reino Unido, manifestou-se favorável ao fim das barreiras tarifárias para o Etanol brasileiro. Isto foi feito através de documento enviado a um órgão do Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, responsável pela elaboração de planos ambiciosos para redução do efeito estufa, com ênfase nas pesquisas e utilização de fontes de energia limpa.

Para a gigante britânica, o Etanol brasileiro atingiu inegável estágio de eficiência, tanto no que diz respeito ao aspecto de proteção do meio ambiente, por se tratar de combustível não poluente, como ao fato de ser uma das mais extraordinárias fontes renováveis de produção de energia limpa.

O reconhecimento britânico não é o único. Em outras partes do mundo já se observa o enorme interesse estratégico de países que desejam reduzir drasticamente sua dependência dos países produtores de petróleo, em especial alguns cujas relações com o ocidente não são tão amistosas.

Neste particular, o Etanol brasileiro é alvo da cobiça geral por se apresentar como a mais eficiente fonte alternativa ao petróleo, sustentando privilegiada posição como biocombustível de comprovada eficiência.

A grande questão que ainda constitui obstáculo a uma maior participação do Etanol do Brasil nos mercados americano e europeu tem sido as tarifas impostas e que representam inexplicável pro-tectionismo que não se aplica ao petróleo, embora seja esta uma das principais causas da atual crise econômica.

Entretanto, embora seja forte o lobby americano de proteção aos produtores de biocombustíveis do país, as conversas em nível de governo têm sinalizado no sentido de que as barreiras tarifárias podem sofrer modificações ou até serem eliminadas a curto prazo, pois o novo presidente dos Estados Unidos, Barak Obama, já se comprometeu a combater o aquecimento global e tem citado com frequência o Brasil como exemplo de país que encontrou no Etanol seu mais importante aliado no combate aos danosos efeitos do aumento de temperatura global.

De qualquer maneira, não passa um único dia sem que em alguma parte do mundo seja feita referência ao combustível alternativo do Brasil e a exaltação da cana de açúcar como fonte de produção de energia limpa.

Com isso, criam-se as melhores expectativas futuras para o setor, especialmente depois de superadas as questões levantadas equivocadamente de que a área plantada poderia comprometer a produção de alimentos.

Certamente por isso a gigante do petróleo da Grã Bretanha tenha se manifestado com tanto entusiasmo a favor da queda de barreiras alfandegárias para o Etanol brasileiro. Esta manifestação tem significado muito especial, pois é sabido o nível de comprometimento dos britânicos com a preservação do meio ambiente e com as iniciativas que buscam reduzir as conseqüências nefastas do efeito estufa.

De tal modo o Etanol brasileiro desperta o interesse do mundo que há a perspectiva próxima da retomada de enormes investimentos estrangeiros nos projetos que, em função da crise mundial, tinham adiado a participação internacional na ampliação da área de plantio e na construção de novas usinas.

A retomada destes projetos é questão de pouco tempo, pois nestes tempos de aguda crise econômica o Etanol do Brasil em particular e a cana de açúcar como regra geral, se impõem como investimento absolutamente seguro, tendo em vista a certeza de que o combustível alternativo aqui produzido está na iminência de aparecer como a alternativa mais promissora para a produção de energia não poluente, capaz de contribuir de maneira substancial para a contenção gradativa do aumento global de temperatura.

Enfim, há motivos de sobra para festejar, especialmente considerando que, pelas razões aqui expostas, em muito pouco tempo o a cana de açúcar vai despontar como fonte inesgotável de produção de energia renovável e limpa. E quando este momento chegar, o que deve ser breve, todos os envolvidos serão beneficiados, especialmente os produtores.

EXPEDIENTE

Publicação de responsabilidade da Olicana - Associação dos Fornecedores de Cana da Região de Olímpia

Produzido e editado pela Editora Gráfica Menina Ltda.

CNPJ 05.064.160/0001-18

Av. Dep. Waldemar Lopes Ferraz, 1024-A - Olímpia - SP

Editor-chefe: Silvio Roberto Bibi Mathias Netto (MTB 080)

Manejo de plantas daninhas em plantio de cana-de-açúcar

Eng.º Agrônomo Marcos A. Zeneratto - Coopercitrus Olímpia

O plantio de cana-de-açúcar caracteriza-se em duas épocas distintas, sendo o plantio de cana de um ano e meio, que inicia em fevereiro até meados de julho (sendo que em junho e julho chama-se de plantio de inverno) e o plantio de cana de ano, plantio nos meses de setembro a outubro e sabemos que o plantio são rotinas agrícolas constantes em todos os anos nas diferentes regiões de cultivo no país, o que representa características edafo-climáticas muito diferentes uma região das outras e épocas de plantio durante o ano com alternâncias de temperatura, precipitação, comprimento do dia (dias longos e curtos), pressão de ervas daninhas e predominância de gramíneas e folhas largas, proporcionando um desafio para os técnicos responsáveis pelos tratamentos culturais, principalmente na recomendação de estratégias de manejo de plantas daninhas.

O manejo de plantas daninhas em cana planta nos sistemas de produção atualmente em uso na canavieira brasileira está baseado na integração de medidas culturais, mecânicas e químicas. Nas medidas culturais destacam-se manejo de variedades de alto perfilhamento e consequentemente sombreamento precoce do solo, redução do espaçamento de plantio. Com a colheita mecanizada o "quebra-lombo" em cana-planta com a finalidade de adequar o solo para a colhedora, destaca-se como medida de operação mecânica no manejo de plantas daninhas pós-emergência. O manejo químico que é o principal método de controle das plantas daninhas empregado pelos produtores de cana-de-açúcar é o uso de herbicidas, aplicados em condições de pré-emergência ou pós-emergência inicial ou eventualmente em condições de pós-emergência tardia em jato dirigido à entrelinha da cultura, com as plantas daninhas em estágio mais tardio de desenvolvimento. Os objetivos principais do controle químico de plantas daninhas é a obtenção de máxima eficácia de controle de plantas daninhas, com alta seletividade para a cultura, de forma econômica e com a minimização dos efeitos ambientais.

Segundo Kuva et al., 2003, a infestação de plantas daninhas é um dos principais fatores bióticos presentes no agroecossistema da cana-de-açúcar que têm a capacidade de interferir no desenvolvimento e na produtividade da cultura. Estima-se que existam cerca de

1.000 espécies de plantas daninhas que habitam este agroecossistema, distribuídas nas distintas regiões produtoras do mundo (Arévalo, 1979).

O reservatório de sementes presentes no solo e/ou restos vegetais possui de 300 milhões a 3,5 bilhões de sementes por hectare (Simpson et al., 1989).

A presença de plantas daninhas em áreas de cana-planta pode causar reduções na quantidade e na qualidade da matéria prima colhida, reduzir o número de cortes viáveis e aumentando os custos de produção em até 20%, causando uma redução do rendimento em toneladas/hectare que pode alcançar 0 a 86% da produtividade potencial no Brasil. Em trabalhos estudando os efeitos da matofestação durante todo ciclo da cultura foram estudados por GRACIANO & RAMALHO (1983) que observaram perdas de 83,1% na produção agrícola e 83,6% na Pol/ha, em relação à cultura capinada. Quando a competição ocorreu no período crítico da cultura, as perdas atingiram 30,9 e 33,1% para produção agrícola e Pol/ha, respectivamente. No trabalho de ROLIM & CHRISTOFFOLETI (1982a) foram observadas perdas de 85,5 % na produção agrícola quando não se controlou a infestação de plantas daninhas. COLETI et al. (1984) observaram perdas de até 23 t/ha, quando abandonaram a cultura à livre ocorrência de plantas daninhas. BLANCO et al. (1984) verificaram que uma densidade de 32 indivíduos/m² de uma comunidade infestante composta por gramíneas e dicotiledôneas, causou 26,7% de queda na produtividade agrícola.

Trabalho no Brasil de ROLIM & CHRISTOFFOLETI (1982) que em cana-planta de ano,

Brachiaria plantaginea (Capim marmelada) e Digitaria sanguinalis (Capim colchão) passou a ser crítica à cultura a partir dos 30 dias após plantio, sendo que não observaram efeitos prejudiciais à cultura quando mantiveram 90 dias, após plantio, sem competição.

Para entendermos a figura 1 abaixo: o PAI – período de 30 dias desde o início do plantio na cultura da cana-de-açúcar aceita conviver com mato (plantas daninhas) sem que haja perdas em produtividade; o PCPI – período de 30 a 120 dias do plantio da cana-de-açúcar em que a cultura não aceita a convivência com o mato (plantas daninhas), neste período não pode haver a presença de mato na cana e o PTPI – é o período total em 150 dias do plantio da cana-de-açúcar em que a cultura não pode conviver com a presença de mato (plantas daninhas), devido a interferência do mato na produtividade na cana-de-açúcar é que utilizamos herbicidas de residual longo no plantio, para que possamos manter a cultura no limpo nos primeiros meses até que o próprio sombreamento da cultura impede a germinação e presença das plantas daninhas. Em anos de plantio como o de 2008, em que houve seca prolongada, até novembro, precisamos de herbicidas de residual longo para manter a cultura no limpo e lembrando que o herbicida mais a operação de aplicação do mesmo no plantio da cana representa apenas um custo de 3,5% a 5% do custo de implantação do canavial, um custo muito baixo para quem deixa o canavial no mato (com interferência de plantas daninhas) e perde em média um corte no ciclo.

PAI – período anterior à interferência; PCPI – período crítico de prevenção à interferência; PTPI – período total de prevenção à interferência. AZANIA & AZANIA adaptado de Pitellin & Durigan (1984)

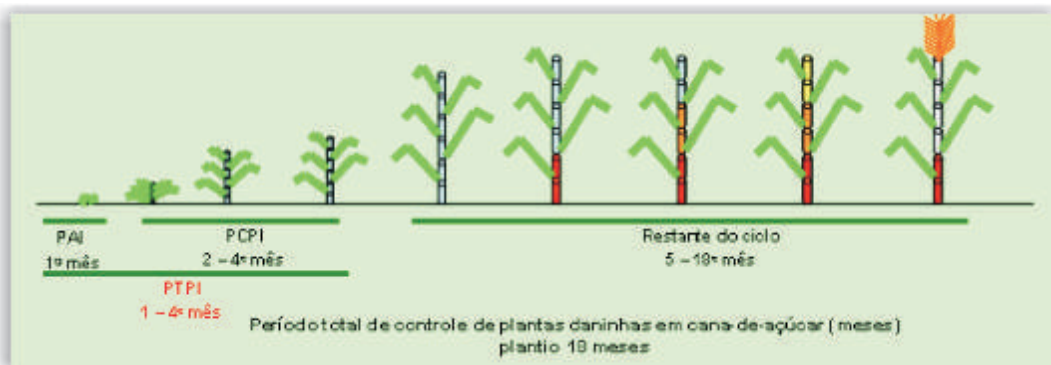


FIGURA 1

a competição de uma comunidade infestante composta principalmente por

Manejo de plantas daninhas em plantio de cana-de-açúcar

Conclusão

Objetivos dos manejos de plantas daninhas em cana-de-açúcar são:

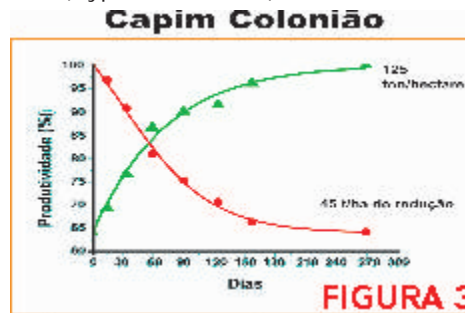
- evitar perdas em toneladas/hectare cana, devido à competição do mato com a cana;
- beneficiar as condições de colheita;
- evitar o aumento de banco de sementes;
- evitar problemas de seleção e resistência de plantas daninhas;

Fatores que devem ser considerados e avaliados no controle de plantas daninhas após o plantio:

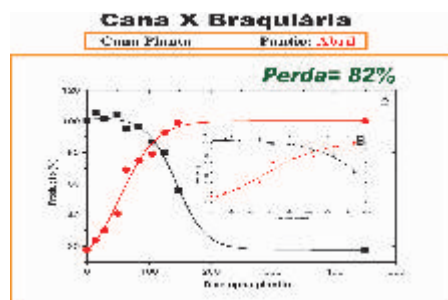
- custo de herbicidas;
- residual do herbicida;
- eficácia sobre folhas largas e estreitas
- seletividade para a cultura
- flexibilidade de aplicação
- eliminar capinas (repasses e catação)
- evitar seleção de espécies tolerantes (ex. corda-de-violão, capim-colchão)

As plantas daninhas mais importantes nas áreas canavieiras encontram-se o capim-braquiária (*Brachiaria decumbens*), capim-marmelada (*Brachiaria plantaginea*), capim-colonião (*Panicum maximum*), capim colchão (*Digitaria spp.*), capim-camalote (*Rottboelia exaltata*), grama-seda (*Cynodon dactylon*), corda-de-violão (*Ipomea spp.*) e

tiririca (*Cyperus rotundus*)



Observação da figura 2, desde o primeiro dia planta daninha na cultura da cana-de-açúcar já ocorre perdas em produtividade, chegando em 45 toneladas/hectare ou 109 toneladas/alqueire.



Observação da figura 3, com braquiária a interferência começa a ocorrer após os 60 dias de plantio da cultura da

cana-de-açúcar com perdas em produtividade em 82%.

Analisando todas as informações em anos de dificuldades devido a preços baixos do valor da cana-de-açúcar, não compensa deixar o canavial no sujo, diminua a quantidade de fertilizantes em kg/há equivalente ao custo do herbicida, para que o canavial permaneça sem interferência das plantas daninhas e consequentemente maior longevidade do canavial.

Referência Bibliográfica

Cana, Caderno Técnico Cultivar, edição especial Março 2005 – número 71 da Cultivar.

Christoffoleti, P.J. Manejo de plantas daninhas na cultura de cana-de-açúcar: Novas Moléculas Herbicidas.

Kuva, M.A. (Herbae) Palestra Identificação e caracterização das principais plantas daninhas presentes no agroecossistema da cana-de-açúcar.

Overejo, R.L. Palestra de Plantas Daninhas na cultura cana-de-açúcar.

Fornecedores de cana da Açúcar Guarani tem fechamento da safra 2008/2009 acima do preço pago no Estado de São Paulo

O produtor que forneceu para a Guarani teve, ainda, melhores resultados, pois o valor da ATR (Açúcar Total Recuperável) foi maior que o fechamento do Estado. A ATR fechada do estado foi de 0, 2782, já a da Usina Guarani S/A. atingiu 0, 2873. Sendo assim, os fornecedores da Guarani receberam uma diferença em 20 de abril como compensação pela performance.

O preço pago pelas usinas ao produtor pela tonelada cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, maior produtor do País, encerrou a safra 2008/2009 em R\$ 39,85 por tonelada, alta de 11,28% sobre os R\$ 35,81 a tonelada da safra 2007/2008. Os dados estão na circular de fechamento de safra, divulgada pelo Conselho dos Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Conse-cana).

Os dados são fornecidos pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP) à entidade que define a remuneração da matéria-prima entregue à indústria. Os cálculos são feitos a partir da média dos preços de nove produtos derivados da cana e de outras variáveis, como a qualidade da matéria-prima.

Obras da nova sede serão iniciadas

Novas instalações oferecerão melhor atendimento aos associados

Já com processo licitatório concluso, onde foi vencedora a empresa A Construtora para o fornecimento dos materiais, as obras para a construção da nova sede da Olicana serão iniciadas ainda este mês. O prazo para conclusão da obra é de oito a dez meses.

O novo prédio será construído na Rua David de Oliveira, próximo à escola Santo Seno, em terreno adquirido pela Associação no ano passado.

As novas instalações irão proporcionar um melhor atendimento aos associados, como também representarão economia aos cofres da entidade, que deixará de pagar aluguel do prédio hoje ocupado.

Segundo o presidente, Celso Ruiz, mais uma vez a Associação vem cumprindo as metas estabelecidas para oferecer atendimento de qualidade e solidificar a entidade genuinamente olimpense.